

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**KESIA VIEIRA DA SILVA**

**GOIÂNIA**  
**2021**

**KESIA VIEIRA DA SILVA**

**ESPANHA EM TRÂNSITO: Democracia, Franquismo e Movida**

Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Escola de Formação de Professores e Humanidades.  
Orientador: Antônio Luiz de Souza

**GOIÂNIA**

**2021**

### CIP - Catalogação na Publicação

M42p

VIEIRA, Kesia

Espanha em Trânsito: Democracia, Franquismo e Movida / KESIA VIEIRA. --  
Goiânia, 2021. 46 f.

Orientador: Antonio Luiz Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Pontifícia Universidade Católica de  
Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades, Licenciatura em História, 2021.

1. Movida. 2. Franquismo. 3. Guerra Civil . 4. Contracultura. I. Souza, Antonio Luiz,  
orient. II. Título.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA  
COORDENAÇÃO DE PESQUISA

**Monografia nº          Semestre 2021-2**

**Autor: Kesia Vieira da Silva**

**Título: ESPANHA EM TRÂNSITO: Democracia,  
Franquismo e Movida**

### **TERMO DE APROVAÇÃO**

O trabalho foi apresentado durante a **XIV Semana Científica de História**, realizada entre 04 e 09 de dezembro de 2020, conforme as “Normas de Monografia” da Coordenação de Pesquisa em História, instituídas pela Coordenação de História por intermédio do Ato Próprio Normativo nº 001/2017. O candidato foi arguido pelos docentes nomeados abaixo e seu trabalho de conclusão de curso, requisito parcial para a obtenção do título de Professor Licenciado em História, considerado:

**APROVADO com CONCEITO A.**

Goiânia, 30 de Novembro de 2021.

Orientador:

**Prof. Me. Antônio Luiz de Souza**

Banca Avaliadora:

**Prof. Me. Leandro Alves Martins de Menezes**

Dedico esse trabalho aos meus amados pais,  
Valdemira Vieira e Júlio César Guimarães.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu professor e orientador, Antônio Luiz, pelos ensinamentos e incentivos. A empolgação com a qual o senhor recepcionou o tema me deu confiança para não desistir, foi um privilégio.

Ao meu companheiro, Christian de Souza, pelo apoio e carinho, sem vocês ao meu lado nada disso seria possível.

Aos meus queridos amigos, Juliana Raphaela e Daniel Monteiro, obrigada pelos momentos de risos e o apoio contínuo. Vocês trouxeram leveza e tranquilidade para mim nos momentos em que eu mais precisava.

À minha família, Valdemira Vieira, Júlio César Guimarães, Silas Vieira, Misael Vieira, Érica Xavier, Jaciara Cunha, Júlio César, Antônia Leite e Nelindo de Oliveira.

Aqueles anos maravilhosos, que deram de chamar 'la movida', estavam formados por gente descarada, atrevida, frívola e iconoclasta, mas terrivelmente tímida.”

(ALMODÓVAR)

## RESUMO

A Movida Madrileña foi um movimento de contracultura que surge na Espanha em seu período de redemocratização, tendo início após a morte do ditador Francisco Franco, em 1975. O movimento carrega traços de uma juventude que estava inserida numa cultura fechada em seu tradicionalismo, e clama por modernidade.

Para compreender tal contexto adentraremos ao período de Guerra Civil e o conturbado período sob a ditadura do General Francisco Franco.

**Palavras-chave:** Guerra Civil; Franquismo; Contracultura; Movida.

## **ABSTRACT**

The Movida Madrileña was a countercultural movement that emerged in Spain during its period of redemocratization, beginning after the death of dictator Francisco Franco, in 1975. The movement bears traces of a youth that was inserted in a culture closed in its traditionalism, and cries out for modernity.

To understand this context, we will enter the Civil War period and the troubled period under the dictatorship of General Francisco Franco.

**Palavras-chave:** Civil War; Franchism; Counterculture; Moved.

## Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	11
1 FRENTE POPULAR: DA POLÍTICA À GUERRILHA .....	13
1.1 Guerra civil espanhola: fratricídio e a participação internacional .....	15
1.2 Instalação do franquismo e o isolamento da Espanha .....	18
1.3 Educação, religião e cultura no Franquismo .....	21
1.4 Flexibilização política e abertura do governo Franquista .....	24
2 OS PROCESSOS DE REDEMOCRATIZAÇÃO DA ESPANHA .....	26
2.1 Movida Madrileña como fenômeno cultural .....	28
2.2 Os usos da Movida Madrileña pelo governo espanhol .....	33
2.3 Os personagens em La Movida .....	34
2.4 O declínio de La Movida Madrileña .....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	40
REFERÊNCIAS .....	42

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em 1983 Pedro Almodóvar, diretor espanhol, lançava seu terceiro filme, “Maus Hábitos”. O longa-metragem se trata de uma sátira muito bem-humorada e, por vezes, beirando o absurdo, sobre o cotidiano em um convento, porém, completamente atípico do que se considera ser a realidade da vivência em um convento. Neste, lesbianismo, vício em drogas e festas fazem parte do ambiente religioso, mas, para “equilibrar” o absurdo, são praticados constantemente atos de redenção.

O filme de Almodóvar foi rodado em um período em que a Espanha passava por um processo de redemocratização. Francisco Franco havia morrido em 1975, talvez isso explique a liberdade de que o cineasta gozou para distribuir um filme no qual ironizava uma das instituições mais tradicionais do país, a Igreja Católica.

Entre esses dois períodos ascende um movimento ao qual muitos irão designar como sendo a Renascença Espanhola, La Movida Madrileña. A Movida é essencialmente um movimento underground, liderado por jovens que estão entediados do cinza dos anos do franquismo, buscam novidade, modernidade e diversão. Expressam-se através da música, pintura, cinema...

Pedro Almodóvar fez parte da Movida e tornou-se o nome mais reconhecido para o público em geral. Maus Hábitos, seu longa-metragem, carrega muito da vivacidade, deboche e do descompromisso com a realidade.

Esta pesquisa surgiu da busca pela compreensão acerca do que possibilitara o surgimento de um fenômeno tão enérgico quanto a Movida Madrileña, numa cultura mergulhada por cerca de quarenta anos no conservadorismo e na censura.

Nossa pesquisa é substancialmente bibliográfica e se dá em torno da História Cultural; nesse sentido, nos ocupamos em nos direcionar às fontes secundárias, fazendo o levantamento de autores que discutem e problematizam a temática em questão.

Para melhor compreensão do sentido desse movimento, trabalharemos a noção de Cultura, Subcultura e Contracultura a partir de Britto García.

No primeiro capítulo trabalharemos os processos que levaram a Espanha à perda de sua democracia, a ascensão de forças fascistas e uma guerra fratricida. Conseqüentemente, analisaremos o período franquista, sua organização política em três fases, a instalação do governo franquista, e a busca pela abertura em

consequência do declínio econômico e adequação política junto aos Órgãos Internacionais.

No segundo capítulo, inicialmente, iremos explorar o declínio do governo franquista. Franco morre e seu governo é posto de lado. Trataremos da organização política após sua morte e das discussões acerca do futuro político da Espanha.

Prosseguindo, no tema *Movida Madrileña*, em qual contexto se dá o surgimento desse movimento, suas influências e onde ocorreu. Promovemos a discussão acerca de uma possível apropriação política, quais foram os personagens e obras desenvolvidas ao longo de um estimado período.

Por fim, daremos uma perspectiva do declínio desse movimento, trazendo as perspectivas de autores que se debruçam sobre o tema da contracultura espanhola.

## 1 FRENTE POPULAR: DA POLÍTICA À GUERRILHA

O início do século XX na Europa foi marcado por profundas transformações, a Revolução Russa de 1917, a eclosão da Grande Guerra (1914-1918) e a crise econômica capitalista no pós-guerra. Tais transformações tornam-se pontos fugazes para as próximas dinâmicas políticas no território europeu. A ascensão do fascismo é apontada como desdobramento desses acontecimentos, surge na Itália como tentativa de frear a inquietação do proletariado, que se reflete no acirramento político, no campo econômico e ideológico, fazendo com que uma pequena parte da burguesia italiana se alinhe contrária às tendências revolucionárias. (MACHADO, 2015, p. 3-4)

O fascismo, ao ser incorporado aos países mais prejudicados com a crise do pós-guerra na Europa, irá modificar as concepções políticas, que, almejando o poder político, se submetem à radicalização para contrapor o poder popular, que oferecia perigo aos poderes tradicionais. (QUADROS E QUADROS, 2005, p. 51)

A Espanha é um dos países afetados econômica e moralmente pelas mudanças do início do século XX. Se comparado com outros países do continente europeu, a Espanha se mostra profundamente atrasada, não somente em sua organização e expansão econômica, mas também ideologicamente. Nesse sentido, o cenário que se observa em Espanha é de um país que ficou estacionado no século anterior; muito disso se deve a suas instituições sociais e políticas de tradições nacionalistas (monarquia, igreja católica, exército, latifundiários). (CAMARGO, 2015, p.3).

As forças pró-modernização, como republicanos e classe operária, muito lentamente vão expandindo seu ideal político e econômico no território espanhol; há de se observar a Catalunha, País Basco e outros que buscam expansão econômica através do capitalismo moderno (Ibidem, p. 6).

A queda e a transição de Espanha monárquica para Segunda República, em 12 de abril de 1931, foram um tanto abruptas, criou-se um ideal de desenvolvimento que nas mãos da burguesia não foi capaz de suprir as necessidades da classe trabalhadora do campo e da pequena indústria (ibidem, p. 13).

Apesar da união que fora formada no “Pacto de San Sebastián”<sup>1</sup>, para a desagregação da oligarquia e a criação de um governo republicano, e de mantida a

---

<sup>1</sup> Reunião entre representantes republicanos que formaram o Comitê Revolucionário pretendendo a derrubada da Monarquia espanhola.

formação da promulgação da constituição em dezembro 1931, essas forças eram completamente antagônicas e as políticas que haveriam de ser aplicadas não conseguiram abarcar as necessidades díspares que constituíam a Espanha da Segunda República. O que se gerou foi a total falta de conciliação, o que ficou expresso no radicalismo contra a igreja católica. Sobre tal radicalismo, Camargo aponta:

O que deveria ser um período de consolidação do movimento republicano, com o seu caráter progressista se comparado com o período de Alfonso XIII e a Ditadura de Primo de Rivera, caracterizou-se pela manutenção das formas de repressão que eram adotadas pela monarquia. (CAMARGO, 2015, p.14).

Com a substituição do governo provisório, através das eleições de outubro do mesmo ano, Manuel Azaña, anteriormente ministro da guerra, se torna líder do novo governo. O isolamento das forças conservadoras foi atenuado com o novo governo. Porém, ficaram a cargo do governo de Azaña as correções do primeiro período republicano; com a expansão das forças de repressão, o alto número de desemprego e a insatisfação gerada pela não superação de tais fatores, o que ocorre é a insatisfação das lideranças de apoio ao governo de esquerda; outro motivo para a insatisfação popular foi o radicalismo empregado para as reformas do Estado. Então, após as eleições de novembro de 1933 deu-se início ao chamado “biênio negro”<sup>2</sup>, sobe o governo da Confederación Española de Derechas Autónomas (CEDA) com Alejandro Lerroux à frente, período em que a direita tomou frente à política e iniciou uma série de retrocessos às políticas do governo socialista. (ibidem, p. 16)

O governo expressivamente conservador, repressivo e rodeado por traços autoritários de inspiração no fascismo italiano, faz explodir revoltas, lideradas por movimentos operários. (ibidem, p. 20)

As eleições de 1936 foram constituídas pela concisa união da esquerda espanhola que formava a Frente Popular (FP), tendo como liderança Manuel Azaña. Apesar das diferenças político-ideológicas que cercavam a FP, a organização de republicanos, anarquistas, comunistas, socialistas e diversas organizações operárias fez com que freassem a ascensão autoritária e o retrocesso político. O projeto político da esquerda para o país “radicalizou-se”, entre as reformas propostas estavam: redistribuição de terras, restrição dos privilégios da Igreja, igualdade de direitos para

---

<sup>2</sup> Período entre as eleições de 1933 e 1936, em que a república espanhola é governada pela CEDA (Confederação Espanhola de Direitos Autônomos).

as mulheres, uma forte campanha para alfabetização, entre outras reformas (DALMÁS, 2018, 294).

O plano de reformas não foi bem visto pela oposição, neste contexto, o Exército ensaiava um golpe à República, as forças reacionárias, contrárias aos projetos políticos de Azaña, apoiavam tal medida. As razões do apoio da extrema-direita se reservam ao plano de reforma que minaria seus privilégios, visto pelos poderes reacionários como sendo uma revolução comunista, guardavam extremo remorso pela perda das eleições de 1936 (ALVES, 2018, p. 273).

A República já havia interceptado uma tentativa de insurgência, em 1936. Porém, não teve pretensões de desestruturar, por completo, a organização desse expressivo sinal de golpe. O golpe se iniciou em Marrocos e se direcionou para o sul da Espanha em 18 de julho. À frente do golpe estava o general Francisco Franco, apoiador da monarquia e nacionalismo, expresso em seu Manifesto<sup>3</sup>, onde também explicita as razões de sua oposição ao governo de esquerda que, segundo o caudilho, era influenciado por forças políticas exteriores que se opunham às necessidades e vontades de Espanha (ibidem, p. 274).

Para os apoiadores de Franco, estavam lutando contra o avanço do comunismo, enquanto que para a FP a luta era contra a ascensão do fascismo, que tomava protagonismo no cenário europeu dos anos 1930.

## 1.1 Guerra civil espanhola: fratricídio e a participação internacional

A guerra que se estabeleceu em Espanha, apesar de inicialmente ser um conflito fratricida, logo viria a ter ampla participação internacional. A intervenção da Itália e Alemanha no conflito, em apoio ao Movimento Nacionalista, foi arbitrária, visto o Pacto de Não-Intervenção<sup>4</sup> assinado por estes e, também, assinado pela URSS, em apoio à Frente Popular (BATTIBUGLI, 2018, p. 44).

As intervenções, apesar de não serem tão discretas, aconteciam de maneira não oficial. A FP contou com a ajuda militar soviética, o apoio oficial do México e a contribuição das Brigadas Internacionais. Porém, em comparação com o apoio dado aos nacionalistas, pelas potências Alemanha, Itália e Portugal, tal ajuda se torna

---

<sup>3</sup> Fonte: teachwar-wordpress-com

<sup>4</sup> Criado a partir da Sociedade das Nações (SDN), sediado em Londres, no ano de 1936. Pretendia prevenir a internacionalização do conflito.

bastante singela. Entre os motivos de enfraquecimento da FP, está o pacto de não-intervenção, acordado por França e Inglaterra (ibidem, p. 44).

Mesmo sendo legítimo, o governo da FP tem apoio internacional negado. O que o pacto de não-intervenção faz com a FP é insidioso, porém, pode-se considerar que tal decisão conjeturou o enfraquecimento da organização, mesmo sabendo do viés fascista da oposição, o medo de uma outra revolução socialista, se mostrava mais ameaçador para a Europa, do ponto de vista de uma parcela política da França e Inglaterra (ibidem, p. 44).

Nesse sentido a expressiva contribuição alemã, italiana e, até mesmo, portuguesa internacionalizou, além de modernizar, o conflito. Esses países contribuíram com munições, armamento e suprimentos, além de um imponente número de tropas durante o decorrer do conflito. Itália destinou 70 mil homens, a Alemanha enviou 19 mil homens, Portugal, apesar de não organizar o envio de tropas oficiais, colaborou para que cerca de 2 mil a 8 mil voluntários se deslocassem à Espanha (VENTURINI, 2018, p.155-156).

Ao contrário da URSS, o governo do México não assinou o pacto e seu apoio aos republicanos foi explícito, além de ser o país latino-americano que mais enviou voluntários e formou recrutamento em seu território (Giménez, 2018, p. 64). Após o conflito, México se tornou sede para o exílio de republicanos, cerca de 20 mil exilados foram recebidos até o ano de 1941 e, de forma democrática, não reconheceu o governo de Franco (NEPOMUCENO, 2018, p. 320).

A entrada da URSS no conflito se tornou bastante dúbia, no sentido de que seu interesse não era em defesa dos ideais socialistas, mas em defesa própria e receio quanto aos países europeus. Tal sentido se concretiza na assinatura do pacto germano-soviético<sup>5</sup>, assinado em 1939; a potência soviética desacelerara suas contribuições aos republicanos espanhóis, encerrando-as, por completo, no ano anterior à assinatura (BATTIBUGLI, 2018, p. 45). Até então, a União Soviética era o maior apoio para o governo republicano, enviando equipamentos armamentistas e reforçando o apoio internacional dos grupos comunistas; através de seu prestígio político, inflou apoio internacional ao governo legítimo. Contudo, junto às diversas milícias e partidos, desequilibrou a organização política republicana, pois contribuiu para que o Partido Comunista Espanhol (PCE) pudesse tomar o controle burocrático

---

<sup>5</sup> Pacto de não-agressão entre Alemanha Nazista e União Soviética, assinado por representantes políticos no dia 23 de agosto de 1933. O pacto estabelecia que ambas as partes não poderiam prestar ajuda a um inimigo da outra parte.

estatal, o que gerou instabilidade entre os grupos e partidos. (idem)

O campo internacional (França, Inglaterra, EUA...) engessou a resistência, além do relatado pacto de não-intervenção, a FP sofreu com a ordem da Liga das Nações de retirada dos voluntários estrangeiros. A medida foi aceita pelo governo republicano que desintegrou as brigadas internacionais, enquanto que o mesmo foi completamente ignorado pelos nacionalistas (PEREIRA, 2018, p.86).

Foi na União Soviética que a Internacional Comunista conclamou a organização das brigadas internacionais, e na França se encontravam para serem enviadas para a Espanha. Cerca 35 mil homens de diversos países se alistaram nas brigadas internacionais para lutar contra o fascismo na Espanha (ibidem, p. 81.). Comprometendo-se unicamente por questões ideológicas, pois muito rapidamente já se davam conta de que a FP não haveria como medir forças com o aparato bélico e humano que fora destinado aos nacionalistas (idem).

Fora o apoio das brigadas internacionais, as milícias e partidos formaram maioria na defesa do governo legítimo, tendo em vista que apenas uma minoria do exército se manteve ao lado do governo. A intervenção e apoio internacional aos Sublevados aconteceram no princípio do conflito, em seu planejamento; tal compreensão se confirma com a morte do general Sanjurjo, com a queda do avião que o transportava de seu exílio em Portugal rumo à Espanha onde liderava a Sublevação. Com a perda da liderança, quem assume a frente dos sublevados é o general Francisco Franco (VENTURINI, 2018, p. 156).

O general Francisco Franco, havia garantido certo prestígio à frente da tropa de choque do Exército espanhol. Franco era conhecido pela frieza e disciplina à frente das operações. O general se posicionou contrário ao governo republicano, principalmente, após o fechamento da academia militar, que estava sob seu comando, Zaragoza (BUANDES, 2013 p.20-21)

A figura de Francisco Franco era carregada de respeito e confiança pelo exército espanhol. Consciente de seus ideais, o caudilho busca ajuda na Alemanha de Hitler, que se inicia através do Marrocos, com manobras do exército dos legionários, braço forte de Franco.

O território da Espanha foi tomado por alguns fenômenos de uma guerra moderna, como a tomada de emissoras de rádio para uso de propaganda. É em Espanha onde se inaugura a primeira ponte aérea, realizada com ajuda alemã (VENTURINI, 2018, p. 158). A utilização da imprensa e propaganda tomou conta não somente do território espanhol, mas se espalhou para vários países com o intuito de

influenciar a opinião pública, contando ainda com filmes e documentários produzidos na Espanha, de maneira mais pungente sobre a administração dos nacionalistas, com o mesmo intuito. (MARTINS, 2018, p. 215).

Todos esses elementos contribuíram para um conflito marcadamente desigual, desde seu início. Alguns grupos da FP acreditavam estar iniciando uma revolução, e não se dedicaram a uma organização benéfica para que ocorresse uma resistência sólida, dando abertura para um exército experiente e fortemente equipado. O conflito foi essencialmente violento nas duas frentes, porém, com o agravante de força da frente nacionalista e dos constantes casos de forte repressão, expressos nos vários casos de fuzilamento e na exibição proposital da violência, que abriu caminho para o início de um governo explicitamente repressor.

O conflito chega ao fim em 28 de março de 1939, quando os nacionalistas tomaram a cidade de Madri, que expressava a resistência republicana com o slogan “¡No pasarán!”, símbolo de resistência.

A partir de então, Espanha vai mergulhar em seus anos cinzentos. Em pouco tempo o território europeu entra em guerra, mas em decorrência da devastação do país, a Espanha não participa desse novo conflito.

## 1.2 Instalação do franquismo e o isolamento da Espanha

O fim da guerra não representou propriamente a paz no território Espanhol. Para a instalação do novo Estado foram utilizadas violência e repressão. Os vermelhos deveriam ser identificados e expurgados do país, era necessária uma organização severa que contemplasse subjugar e/ou aniquilar o inimigo, perseguição aos que eram simpáticos à ideologia do antigo governo, repressão às memórias da violência ocorrida e, dessa forma, ocorreria a instalação do Estado Novo (MENDES, 2017, p. 22).

O Estado franquista, em sua complexa existência, ficou marcado pela violência e repressão. Aquilo que se designa como primeira fase desse governo foi marcada por desaparecimentos, perseguições, assassinatos, deliberadas denúncias e trabalho forçado (ibidem, p. 10).

Os campos de trabalho forçado são o limiar dessa atroz organização. Segundo Javier (2006), cerca de 180 campos do tipo funcionaram na Espanha do pós-guerra, lugares onde os vencidos haviam de pagar por suas convicções e pela perda que “impuseram a Espanha”. A destruição do território, os prejuízos econômicos e a

violência, a que população espanhola fora exposta, eram apontados pelos vencedores como sendo unilaterais (SANTOS, 2019, p. 9).

A Espanha perdeu um número alarmante de vidas após o conflito civil, além do que, após o conflito, houve um extenso número de exilados e presos, número que chega a 500 mil. Essa perda afetou a Espanha diretamente na sua reconstrução (GEMMAL, 2004, p.25).

Após a instalação do novo governo, a democracia entra em decadência, como bem lembra Gemmal

O modelo político instaurado se caracterizou pela supressão de praticamente todas as liberdades políticas, pela dissolução dos partidos de esquerda – com a posterior unificação dos de direita num partido único, o Movimento Nacional – e pela abolição das autonomias regionais. Franco criou uma estrutura de leis constitucionais e um parlamento dentro dos princípios da “democracia orgânica”, em contraste com o que os teóricos do corporativismo chamavam de “democracia inorgânica”: pluripartidarismo, sufrágio universal, órgão legislativo de eleição popular. (GEMMAL, 2004, p. 27).

A Espanha utilizou o isolacionismo e a autossuficiência como estratégia política. Essa estratégia contribuiu para uma profunda crise econômica, quem paga os gastos são os trabalhadores que comungam baixos salários e preços elevados. O país só conseguiria iniciar uma recuperação econômica na década de 1950 (ibidem, p. 29).

Durante a organização do novo Estado, a Igreja teve um papel importante, o nacional-catolicismo foi uma característica marcante do Franquismo, principalmente no que é considerado como primeira fase do governo que, como brevemente relatado, foi marcado pela repressão (QUADROS E QUADROS, 2005, p. 54). A Igreja Católica se posicionou junto aos nacionalistas, por considerar as reformas que seriam implantadas na Espanha prejudiciais a sua instituição.

Com a instalação do novo governo, a Igreja continuou a gozar de seus bens e de sua influência que não apenas se manteve como expandiu-se durante os anos iniciais do governo (GEMMAL, 2004, p. 43). Uma de suas grandes atuações ocorreu no ensino espanhol e, também, junto ao nacional-sindicalismo e na administração das penitenciárias femininas, como em outros setores (MENDES, 2017, p. 33).

Sendo assim, a Igreja, através de seus ideais, regeu muitas das organizações espanholas e cedeu esforços para um centralismo que marcou o Estado franquista. No que diz respeito à organização sindical na Espanha, esse setor foi responsável por manifestações revolucionárias, tendo à sua frente a Confederação Nacional do

Trabalho (CNT)<sup>6</sup>. Esse sindicato de unificação da classe trabalhadora, anarquista e socialista, dá lugar ao nacional-sindicalismo (POMINI, 2021, p. 45).

No nacional-catolicismo, recorre-se aos ideais cristãos para basear os direitos dos trabalhadores e deveres do empresariado, tendo como intuito forjar uma organização harmônica no sentido de que valores e ideais cristãos pudessem ser benéficos para o Estado. Sendo assim, muitos dos direitos que os trabalhadores gozavam lhes eram cedidos em benefício ao Estado, e, por conseguinte, o trabalhador despertaria ao nacionalismo (NUNES, 2005, p. 6-7).

Nesse cenário de regressão de direitos, temos a situação frágil das mulheres. No período do governo republicano e do conflito civil, as mulheres, através de organizações feministas, já haviam iniciado movimentos que se opunham aos ideais patriarcais, conquistando alguns direitos. Todas as conquistas vão se exaurir com a ascensão do governo franquista (ibidem p. 32).

Na Espanha franquista, o que se entende pela figura feminina é a de submissão e docilidade, nesse sentido, o que ocorre é o instantâneo retorno dessas mulheres aos seus lares, como evidencia DAL'MORO:

Toda a sociedade era complacente com o regimento patriarcal e suas práticas. Por conseguinte, mesmo após tantos esforços, as mulheres foram obrigadas a abdicar dos direitos já adquiridos e a tornarem-se novamente servas de seus maridos, pais e irmãos. (DAL'MORO, 2017, p.18).

É importante fazer um enquadramento das alternâncias nas políticas do governo franquista. O governo teve de se tornar flexível, em certo sentido, após o eixo perder a Segunda Guerra Mundial.

A formação da Organização das Nações Unidas (ONU) 1945, que teve a pretensão de mediar o diálogo entre os países participantes da Nova Ordem, para evitar grandes conflitos como os da 1ª e 2ª Guerra Mundial, é o resultado das mudanças ocorridas após o conflito mundial (GONÇALVES, 2012, p. 55).

Houve, junto aos debates da nova Ordem, a preocupação acerca dos governos antidemocráticos, envolvendo os diálogos ao fim de um conflito que escancarou atrocidades e levantou forte repressão a esses governos. Nesse sentido, levantaram-se discussões acerca da questão espanhola, culminando na contestação do governo franquista, chegando a ser investigado pelo Conselho de Segurança tornando-se assunto na Assembleia Geral da ONU (SOUZA, 2009, p. 86).

---

<sup>6</sup> Confederação de sindicatos espanhóis de tendências anarquistas.

Franco, que havia feito alianças com o Eixo e só não entrou no conflito porque seu país se encontrava devastado, decide recuar sua tendência pró-eixo e apoiar-se na Igreja Católica (ibidem, p. 87).

Apesar de não sofrer condenações pelo Conselho de Segurança, o governo franquista decide empenhar-se em demonstrar uma imagem de equilíbrio, acerca das questões políticas internacionais, e para tal se apoiou no anticomunismo. Porém, em dezembro de 1946 é tomada a decisão, pela Assembleia Geral da ONU, de privar o governo espanhol de manter-se em organizações internacionais (Ibidem, p. 91).

Como a resolução de 1946 não foi efetivada, a Espanha pôde dar continuidade ao empenho por aceitação internacional, mesmo que ocorresse com muito receio da comunidade internacional. A maior alteração na condição internacional da Espanha veio através da aproximação com EUA, mas o apoio dos países latinos foi, também, de fundamental importância para que em 1950 fosse votada novamente a “Questão espanhola”. Ao fim, a Espanha teve seu retorno à ONU, no ano de 1955 (Ibidem, p. 100-101).

### 1.3 Educação, religião e cultura no Franquismo

Dentre as instituições que sofreram aparelhamento no governo franquista temos a Educação. O ensino foi percebido como importante instrumento para a fomentação do sentimento patriótico, estratégia muito praticada em regimes autoritários. Como o caso da Alemanha nazista, com as mudanças ocorridas no currículo escolar, para atender os ideais do partido, junto a Organização Juventude Hitlerista, que atuou na imposição do nacional-socialismo (VICENTE-WITT, 2018, p. 71-72).

Já no Brasil, durante a ditadura militar, o AI-5 representou a preocupação com o ensino, compreendendo-o como uma forma de controle. Paralisaram-se as reformas democráticas no campo educacional, foram proibidas manifestações a partir do decreto nº 477, e modificou-se o ensino de base, adquirindo um caráter técnico, expresso na lei nº 5.692. Carrano (2018) diz o seguinte: "Toda ditadura quer controlar o campo educacional, porque é nele que há liberdade para pensar e construir novos caminhos para a sociedade."

O ensino durante a ditadura espanhola teve como tutela os elementos religiosos e a Falange; esses, disputando protagonismo no meio educacional, pretendiam transmitir seus valores para as futuras gerações, em nome de Deus, no

caso da Igreja, da pátria e do generalíssimo Francisco Franco (CAPELATO, 2009, p.126).

Para o ensino primário, produziram livros carregados de imagens, textos e frases coercitivas. Ódio e temor faziam parte daquilo que os pequenos haviam de assimilar em favor do fanatismo nacionalista (ibidem, p. 120).

Os livros didáticos abordam a questão do conflito civil, dando legitimidade à luta dos nacionalistas, que buscavam libertar o país dos inimigos da pátria. Impor a visão de uma Nova Espanha, superior e com a missão de ser um grande império, eram ideais presentes nos livros infantis (ibidem, p. 121). Era comum, na rotina escolar, a prática da reza, presença de imagens de ícones religiosos e a exaltação da figura de Francisco Franco (Ibidem, p. 134-135).

Isso trouxe retrocessos ao ensino na Espanha, os educadores também são afetados pelo fim dos avanços na educação. Durante as duas primeiras fases do governo, essas práticas foram constantes (idem).

É importante ressaltar que a instalação do franquismo representou para a igreja católica o fim aos atentados e perseguições, ocorridos durante o período republicano. O governo republicano, ao não levar em consideração a influência da igreja, acaba por subestimar a força dessa instituição. (QUADROS E QUADROS, 2005, p. 53-54).

O nacional-catolicismo é caracterizado pela aliança entre Estado e Igreja, essa parceria é aprofundada conforme as mudanças exteriores vão sendo desencadeadas, porém, as mesmas mudanças contribuem para distanciar Estado e Igreja (ibidem p. 54-55).

Com a derrota do nazifascismo, o governo se ampara no conservadorismo para manter sob controle as massas, em meio a um possível estado de desordem, administradores extremamente conservadores são introduzidos na organização do trabalho, com o nacional-sindicalismo, e no ensino, através da coerção. (Loff, 2010, p. 463)

Na imprensa, tendo à sua frente elementos religiosos, comporta os interesses disciplinadores do nacional-catolicismo, censurando quando necessário, e utilizam desse meio para espalhar o terror através do “perigo vermelho” (PEREIRA, 2003, p.126).

As práticas violentas assumidas pelo governo de Franco são assimiladas pela Igreja, como é o caso da administração dos presídios femininos, nos quais eram os clérigos os responsáveis pelo controle, que incluía práticas de torturas (MENDES, 2017, p. 33).

O governo Franquista percebe que o isolacionismo adotado nos anos iniciais de sua instalação e as políticas de autossuficiência corroboraram para um desgaste econômico, a solução seria o socorro internacional, porém, seria necessário que o Estado espanhol flexibilizasse seu poder (idem).

Sobre a hierarquia eclesiástica, a cooperação sofre fissuras, o impacto da chegada do Papa João XXIII, e a convocação do Concílio Vaticano II, um movimento por modernidade no mundo católico, gerando transformações, opondo-se aos ideais fascistas assumidos durante o período pré-guerra e entre guerras (ibidem, p.464).

Nesse conturbado contexto histórico, a Igreja Católica Romana se encontrava diante de um grande desafio: se adaptar à era moderna. De um lado o comunismo ateu, inimigo declarado antes mesmo das guerras mundiais; do outro um capitalismo cada vez mais contestado por sua ineficiência em sanar as injustiças sociais que afetavam sociedades inteiras, principalmente nos países subdesenvolvidos. Como se não bastasse, questões como o avanço tecnológico, novas formas de divisão do trabalho e a aparente “secularização” do mundo moderno foram combinações que convidaram a Igreja a tomar consciência de que se encontrava diante de um mundo novo, perante o qual devia representar os valores da igualdade universal, da pobreza, da justiça, da paz e da unidade cristã (OLIVEIRA, Schiavo apud ALBERIGO, 2019, p.76).

A imprensa e propaganda tiveram fundamental importância no período de guerra civil e no pós-guerra, sua produção através de documentários representou o bipartidarismo que ocorria no país (PEREIRA, 2003 p.123). Como citado anteriormente, o departamento de imprensa tinha sua parcela de domínio eclesiástico, porém, havia também a presença militar. A falange obteve, inicialmente, o controle de um departamento de imprensa e propaganda. Em 1937, o departamento tornou-se Órgão Nacional, a partir de então ele se diversificou para difundir os ideais do novo Estado, além de servir como meio de censura das produções nacionais e internacionais (ibidem, p. 124).

Dentro desse sistema de imposições ideológicas, é importante citar a existência do “Noticiarios y Documentales Cinematográficos”, o NO-DO. Criado no ano de 1942, reproduz, inicialmente, apoio ao Eixo, durante a segunda guerra mundial, reproduzindo a atuação do exército nazista. Passa por transformações com o fim da segunda guerra mundial, adaptando-se a partir das mudanças políticas, reforçando o nacionalismo espanhol frente às transformações e a inicial abertura que a Espanha passa desde o fim dos anos 1940 e início dos anos 1950 (Ibidem, p. 126). O NO-DO expressa o caráter de enquadramento da cultura e a imposição do nacionalismo como forma de alinhamento da sociedade, este Órgão é mantido até o ano de 1975 (ibidem,

p. 127).

#### 1.4 Flexibilização política e abertura do governo Franquista

GEMMAL (2014) aponta que o governo pode ser distinguido em cinco fases, sendo a primeira a da autarquia, quando o governo de Franco, em sua instalação, opta por esse modelo que, ao fracassar, será abrandado no início da década de 1950. Dando início a uma abertura para o mercado exterior, o governo teve de adquirir uma administração econômica mais liberal. Junto a essa mudança está em curso a guerra fria, a Espanha se beneficia desse contexto, chamando bastante atenção dos EUA.

Sua parceria com os EUA é promovida de modo estratégico. No ano de 1953 os EUA assentaram bases militares no território espanhol, previsto no Pacto de Madrid, expressivo apoio dos EUA em busca da aceitação internacional da Espanha, dando início a uma modesta modernização e desenvolvimento do país (GEMMAL, 2014, p. 31).

Porém, o governo não consegue superar a grande inflação, e a população que vinha sofrendo com miséria por mais de uma década se impõe contra o governo franquista. A autarquia na Espanha caminhava para seu fim no final da década de 1950. A Espanha conseguiu sua entrada em vários Órgãos Internacionais, e a superação da crise ocorreu através do Plano de Estabilização (1959), junto ao (FMI), resultado da modernização da economia. Porém, era necessário haver alteração de sua política autoritária, já que sua entrada nesses mesmos Órgãos, ONU, OCDE, FMI, deu-se através de profundas críticas ao seu modelo autoritário (ibidem, p. 33).

A nova política possibilitou a superação da crise do pós-guerra e da política autocrática, mudou os ares na Espanha, tornando-a destino turístico a partir de investimentos nesse mercado. Como consequência do boom econômico, ocorreu a expansão de uma classe média no país (ibidem, p.34).

O processo de modernização do país passa pelos setores onde havia um forte controle pelo Estado, ensino, cultura, trabalho, etc. Os investimentos no turismo e a exportação de mão de obra para o restante da Europa fazem circular na Espanha novas ideias e a presença de novas culturas (VICENTE, 1999-2000, p.6).

Em suma, vemos que o processo ao qual a Espanha é submetida, através da instauração da ditadura franquista, freou a marcha rumo ao desenvolvimento e modernização iniciada com o governo da Frente Popular, sob o comando de Manuel Azaña. O que ocorre ao final do conflito, desencadeado após a tentativa de golpe, é

um verdadeiro retrocesso democrático na Espanha.

Os processos de instauração do Estado Novo evidenciam tal retrocesso e dão continuidade à sangrenta vingança dos setores conservadores aos vencidos. É possível constatar, ao longo desse capítulo, que as políticas do governo franquista visavam um verdadeiro enquadramento cultural.

Subsequentemente, iremos abordar as transformações que ocorreram na Espanha ao fim da ditadura franquista, e os elementos culturais que se destacam da era franquista.

## 2 OS PROCESSOS DE REDEMOCRATIZAÇÃO DA ESPANHA

Os processos antidemocráticos ocorridos na Espanha, explorados no capítulo anterior, culminaram no desprestígio internacional do país. Após a 2ª guerra mundial, os Estados antidemocráticos foram condenados, com ressalvas, perante os Órgãos Internacionais, era necessário adaptar-se.

Francisco Franco já havia se retirado do poder e nomeado Carrero Blanco, assassinado em um atentado liderado pelo ETA. Em seu lugar, Arias Navarro assume a chefia do governo. Um momento delicado no qual ocorre a sucessão do ditador Francisco pelo seu sucessor que, para tal, teria que obter apoio político pela permanência no governo, enquanto o rei Juan Carlos se preparava para assumir como monarca, decisão acordada por ambas as partes (DA COSTA, 2002, p.48).

Franco se ausentou do governo por problemas de saúde, a presunção de sua morte e a incerteza no campo político produziram desestabilidade (Ibidem, p. 49). O momento exigia uma mudança política, porém, as forças nacionalistas na Espanha se opunham à possível flexibilização do poder do Estado, por outro lado, havia o campo social que pressionava por reformas democráticas.

Todos esses motivos fizeram com que as reformas pretendidas por Navarro enfrentassem forte oposição. Eram necessárias reformas políticas mais radicais, com o intuito de acalmar os anseios internos e demonstrar uma boa imagem do país perante a comunidade internacional. As reformas de Navarro fracassaram e, em 1976, Juan Carlos pede o afastamento (ibidem, p.56).

Adolfo Suárez é escolhido para ocupar o cargo de Navarro. Suárez era bem relacionado no meio político, porém, uma reforma política no contexto conturbado em que se encontrava a Espanha exigiria um jogo político bem articulado por parte de Adolfo Suárez, contando com o apoio dos reformistas, da direita, da oposição democrática e a participação popular (ibidem, p.57).

A oposição manteve-se de acordo com as reformas, apesar de não haver ampla democratização enquanto a legalização do PCE. No momento em que ocorreu a reforma, não havia uma coalizão das forças de esquerda, o que as enfraqueceu, já a decisão de acatar as exigências propostas pela oposição acirrou as negociações frente às forças da extrema-direita (ibidem, p.61).

Porém, a necessidade de ruptura com os conservadores e autoritários do sistema Franquista foi percebida pela aprovação popular no referendo de 1976. Sobre a aprovação do projeto de lei para a reforma política, Ribas comenta que:

O referendo explicitou ainda mais a força do governo, 77.4% do eleitorado compareceu às urnas, sendo a reforma aprovada por 94.2%. Somente 2.5% mostraram-se contrários, tornando evidente que a direita extremista também não contava com grande apoio popular (DA COSTA, 2002, p.65).

Houve um jogo político bem articulado para a aprovação da reforma política espanhola; prevendo as contradições da esquerda, da direita e suas suspeitas quanto à prioridade que um ou outro grupo político iria abarcar com a mudança proposta, Suárez optou pelo jogo duplo ao mesmo tempo que observava o declínio dos conservadores (ibidem, p.65).

Era hora de aprovar a legalização do PCE. Suarez, dando continuidade em seu jogo político, dizia-se contrário à legalização do PCE, ao mesmo tempo que se encontrava com o secretário do partido. Não seria legal deixar o PCE de fora das eleições, Suarez afirmava tal fato se baseando na reforma do Código Penal, já que, através das conversações com o secretário do partido, não pode observar atitudes totalitárias por parte do PCE (ibidem p. 67).

Suárez reuniu-se com seus funcionários e informou-lhes que legalizaria o PCE antes das eleições, defendendo a ideia de que a participação do partido no pleito conferir-lhe-ia mais legitimidade. De acordo com o presidente seria impossível excluir o PCE baseando-se no Código Penal, pois o partido não tinha caráter totalitário (ibidem, 66).

Apesar de representar um ato democrático, a decisão de Suárez foi tomada por interesses estratégicos e particulares, pensando em um futuro mandato (Idem).

Os Espanhóis foram às urnas e o resultado foi, além de uma participação massiva, a escolha por discursos moderados, visto na derrota da extrema direita e na aprovação do PSOE, representando a nova política Espanhola, moderada e jovem (Ibidem, p. 68). “Compareceram às urnas 79.24% dos eleitores, que expressaram desejo de moderação e mudança, rejeitando o franquismo.” (ibidem, p.67).

Para complementar a transição era necessária a formulação de uma nova constituição que representasse o momento de busca por renovação e superação do regime anterior.

A carta foi elaborada através do Comitê Constitucional das Cortes, e aprovada no ano de 1978, tendo a participação dos representantes dos partidos políticos. Entre os importantes aspectos da carta que traziam garantias democráticas, ficou estabelecido o livre exercício dos partidos e sindicatos, além de oficializar Juan Carlos como chefe de Estado, separação entre Estado e Igreja, o exército passa a ter a

função de assegurar a constituição, quando solicitado (ibidem, p.69).

Os processos democratizantes conferiram à Espanha status democrático junto às relações internacionais, reverberando na adesão do país junto aos órgãos internacionais. O que abriu espaço para as negociações de adesão do país junto a essas organizações, sem colocar a questão democrática como um empecilho (Ibidem, p.71).

Por fim, a Comunidade não debatia questões relativas à democratização espanhola. O que se discutia era se realmente a Espanha possuía uma economia em consonância com a europeia e quais seriam as renúncias e sacrifícios que seriam exigidos de ambas as partes (ibidem, p. 74).

## 2.1 Movida Madrileña como fenômeno cultural

A Movida Madrileña surge na Espanha como um fenômeno que diverge da cultura conservadora do período Franquista, tida por muitos como a renascença cultural na Espanha.

O ditador morreu de senilidade, e a transição foi feita sob os auspícios de personagens já velhos conhecidos, que apesar de muito tentar não conseguiram conter a renovação cultural e social que surgiu. La movida foi uma explosão de cor, de liberdade e irreverência, em um país que saía de uma época dura para ingressar na modernidade. (HIDALGO, 2009, p. 2).

Apesar de o nome fazer referência diretamente à cidade de Madri, a Movida ocorreu em várias capitais pela Espanha, porém, a grande concentração se dá na capital espanhola (HIDALGO, 2007, p.43).

Hector Fouce, ao analisar aspectos da cultura jovem do período de transição democrática, leva em consideração a movimentação política em prol da adequação do país junto aos órgãos internacionais, o que conseqüentemente levou a uma expansão econômica, favoreceu a circulação de novas tendências e práticas culturais na cidade de Madri (FOUCE, 2002, p. 22).

Fouce ressalta que a formação de coletivos se dá em consequência da mudança de pensamento de seus pares, que não sendo uniforme, tratando-se de questões de apreensão das novas tendências, dependem da transmissão dessas (ibidem).

Este trabalho monográfico e de exploração bibliográfica pretende explorar as práticas culturais na Espanha entre os anos 30 e 80 do século passado. Pensamos a

partir da Nova História Cultural, isto é, a partir das referências da Quarta Geração da Escola dos Annales. José D'Assunção Barros (2005), discute o campo da nova história cultural, trazendo as contribuições de Roger Chartier, grande representante dos estudos historiográficos da Nova História Cultural do século XX, trabalhando novas perspectivas para esse campo. A chamada Nova História Cultural, foi responsável por ampliar o campo da pesquisa historiográfica, no que se refere a objetos e abordagens, que não mais privilegiam a "alta cultura", isto é, a cultura produzida e consumida pela elite, voltando-se às manifestações culturais originadas pelos mais diversos grupos sociais, no caso específico deste trabalho, a cultura subterrânea (underground).

Por consequência de tal fato, Fouce afirma que o movimento deve ser reivindicado, em sua origem, sendo gerido por jovens em uma cena underground:

Diante disso, é preciso insistir na emergência da movida como fenômeno underground e minoritário surgiu entre os muito jovens, com preocupações artísticas e intelectuais e, devido ao seu treinamento em alguns casos e sua capacidade financeira em outros, capaz de estabelecer contato com as últimas tendências da Inglaterra ou Estados Unidos, por meio de publicações ou viagens (Idem, p. 23).

Outro aspecto que deve ser ressaltado é a questão da indústria cultural, a qual sem sua expansão o Movimento não haveria de ter se multiplicado. Como apontado anteriormente por Fouce, nem todos tinham a oportunidade de obter contato com as novas tendências culturais mundo afora (ibidem).

Sobre a Indústria Cultural, Coelho (1980) explica que, seu surgimento acontece durante a Revolução Industrial, firmando-se nos processos de industrialização no início do século XIX, sendo esses: a Economia de Mercado; e a geração de uma sociedade de consumo. O perfil dessa sociedade, inserida no capitalismo, é o de alienados pelo consumismo que transforma tudo e todos em produto. O que faz da Indústria Cultural um fenômeno da industrialização.

Segundo Adorno e Horkheimer, a Indústria Cultural se refere ao domínio da cultura pelos meios de produção capitalistas, não se justifica apenas pela pretensão de lucro, mas visa também gerar padrões de comportamento que controlam as massas. Nesse sentido, a Indústria Cultural transformou a cultura em produto, moldada pelos grandes meios de comunicação. Os autores argumentam que se trata de um exercício de apropriação cultural, o que supera o sentido de que essa indústria se define pela produção em massa.

Como consequência dessa organização, os consumidores são levados a acreditarem que possuem autonomia para compreensão e interpretação dos conteúdos produzidos por essa indústria, segundo os autores, isso é uma ilusão, já que os conteúdos são entregues e formulados com um propósito de forma que não exijam qualquer reflexão do receptor.

Os integrantes da Movida dedicam-se a divulgar a cultura punk underground, primeiro porque, como já descrito anteriormente, as condições financeiras desse pequeno grupo, pertencente à classe média, permitiam entrar em contato com as novas tendências e traduzir os conteúdos para divulgação.

É preciso estabelecer, e ficará explícita tal reflexão ao longo deste capítulo, que a Movida é substancialmente um movimento de contracultura. Nas palavras de ADAMS, Gabriel:

Nesse momento, iniciou-se também um movimento de contracultura – a Movida Madrileña – que teve seu ápice em 1981. Esse movimento deu voz à cultura suburbana (underground) alternativa, que nada mais foi do que uma consequência previsível da realidade artística do país, que já vinha querendo manifestar-se bastante antes da morte do ditador, como indicam as Conversaciones Cinematográficas de Salamanca. (ADAMS, 2013, p. 28).

Segundo Britto García, ao confrontar Cultura, Subcultura e Contracultura, entende-se que, primeiro, existe uma cultura dominante, que se estabelece com maior influência nas várias esferas da sociedade e abarca o Estado, subsequentemente, temos a Subcultura, que deriva dos grupos excluídos da cultura oficial, ou seja, todas as minorias. Esse grupo exerce, através da Subcultura, a ânsia por fazer parte dessa cultura oficial, buscando os direitos, garantias e reconhecimento dentro dessa cultura oficial. Por último, chegamos ao grupo de nosso interesse, a Contracultura, esse, segundo Britto García, origina-se da Subcultura, porém, não partilha de suas reivindicações. A Contracultura não se identifica com as convenções da cultura oficial, e oferece uma outra alternativa que se difere dos padrões oficiais (BRITTO GARCÍA, 2005 p. 9-11).

Segundo Maciel<sup>7</sup>, o termo Contracultura foi cunhado pela imprensa estadunidense, se refere às manifestações culturais que estavam ocorrendo nos EUA e no restante do mundo ocidental. “Contracultura é a cultura marginal”

---

<sup>7</sup> Luís Maciel dedicou-se a escrita do tema underground durante as décadas de 1970-1980 se tornando uma grande referência no Brasil para estudiosos desse tema.

A Contracultura é um movimento social, de caráter libertário formado por certos jovens pertencentes à classe média urbana, que contestam os valores da cultura dominante, expressam descontentamento e rebeldia através da arte e de seus comportamentos.

Maciel afirma que o primeiro ato revolucionário da contracultura foi o de contestar a superioridade da cultura oficial. A contracultura é formada a partir da crise interna da cultura tradicional que gerou o desencanto juvenil, responsável pelo movimento de renovação rumo à libertação.

A revolta é contra o sistema tecnocrata que burocratiza cada vez mais a vida social, as manifestações não se dão no formato de manifestações políticas tradicionais, justamente criticando-as por fazerem parte da cultura oficial. (MACIEL, apud PEREIRA, 1983)

Os coletivos existentes encontravam-se em pontos de efervescência da cena cultural de Madri, Fouce destaca alguns locais que serviram como ponto de encontro; Fábrica Cascorro e Premamá (Prensa Marginal Madrileña), as revistas foram um dos materiais de importante divulgação para o surgimento da Movida (FOUCE, 2002, p. 24).

Muito dos conteúdos inspirados em materiais do underground estadunidense foi usado para produzir Fanzines e Comics, publicações alternativas que serviram para divulgar os conteúdos e formar encontros gerindo os personagens na Movida (de la Cruz, 2014)

O fim dos anos de 1970 deu o tom para a nova onda que surgia, foram formados grupos musicais, surge o Troféu Rock Villa de Madrid, e novas gravadoras, M&M, teatros Barceló, Sol e a Vía Láctea (Salas de concerto), as rádios Futura, Rádio Nacional, entre outras. Dedicam-se a transmitir as músicas e a cultura jovem e é nesse momento que ocorre aquilo que será apontado como o primeiro grande encontro da Movida, um show transmitido pela TV (FOUCE, 2002, p. 26).

No ano de 1980 na Escuela de Caminos, onde de forma improvisada as bandas se apresentaram, o público foi convidado, através das rádios, para o show que homenagearia José Enrique Cano (Canito), baterista da banda "Tos", que havia morrido atropelado. (RIBAS, 2010).

No início dos anos de 1980 ocorre o surgimento de grupos e coletivos artísticos, em 1981 a sala de Rock-Ola é inaugurada, local de contínua presença dos grupos, sendo-lhe atribuído o título de templo da Movida Madrileña. A demanda artística

promove o surgimento de muitas gravadoras, também em consonância com o sucesso da gravadora DRO (FOUCE, 2002, p. 26-27).



Fonte: Pablo Pérez-Mínguez, Camerinos Rock-ola , 1979-1985.  
Usado com permissão do artista.

O bairro Malasaña concentra os famosos bares frequentados pelos personagens e grupos da cena cultural de Madri: El Penta, La Vía Láctea, Madrid Me Mata, Nueva Visión, TupperWare, entre outros, alguns já citados anteriormente (SANTOS, 2021).

Fouce aponta que a Movida tem como referência o Rock e, principalmente, o Punk, ressalta que apesar dessa afirmação o movimento é plural. Fascinados pelas novidades musicais, os jovens de Madri vão à Inglaterra e acabam se atualizando com a recente novidade cultural, incorporando o novo e misturando-o às outras influências, rock e glam (FOUCE, 2002, p. 58).

O que se pode afirmar é que La Movida foi principalmente uma questão de imagem, ou de criá-la; as inspirações foram o Glam Rock, a New Wave de grupos como Depeche Mode, The Cure, Queen, Velvet Underground, David Bowie, Blank Generation, da onda Punk londrina. (HIDALGO, 2007, p. 44).

Porém, a incorporação do punk junto à nova onda em Madri se difere do punk contestador da Inglaterra, FOUCE aponta:

Portanto, o punk madrileno nasceu com uma identidade claramente diferenciada de sua maior influência, o punk inglês. Os dois países não estavam no mesmo momento histórico, quando a Inglaterra começou a sofrer uma grande crise com a qual o espírito de consenso havia sido autorizado a reconstruir o país após a guerra mundial, enquanto a Espanha da ditadura de Franco estava deixando para trás um período de expectativas de Liberdade.

(FOUCE, 2002, p. 61-62)

Portanto, e como é possível observar através das canções de alguns grupos pertencentes à Movida, existe um movimento de adaptação das tendências que expressam o descompromisso com o sentido original desse novo estilo. As canções dos grupos da nova Onda, apesar de não serem singulares, são marcadas pela irreverência e o cômico, destoando do punk contestador de Londres (idem, p.79).

Hidalgo reitera as práticas de diferenciação exercidas pelos membros da Movida, que obtém bastante zelo pela estética buscando também se diferenciarem através da linguagem:

Usando um palavreado criado com referências ao estilo de vida da cultura pop, muitos destes termos surgiram nos fanzines dos aficionados, nas letras das músicas e no discurso de todos os 'modernos'. Alguns exemplos: caballo (heroína); camello (traficante); carroza (velho, antigo, coisa ou pessoa); colocar-se (drogar-se com qualquer agente químico); flipar (alucinar, sensação provocada por drogas); estar al loro (estar atento); mono (síndrome de abstinência); porro (cigarro, maconha ou haxixe); tronco (colega); Yonqui (viciado). (HIDALGO, 2009, p.3).

## 2.2 Os usos da Movida Madrilená pelo governo espanhol

Fouce fornece a partir dos estudos de Hebdige (1979), acerca da incorporação de Subculturas, sua análise da Movida Madrilená na perspectiva de que a Movida sofre um movimento de incorporação à cultura oficial. O autor nos indica que esse movimento de incorporação surge por iniciativa de políticos e partidos, na tentativa de colocar o fenômeno Movida a serviço dos interesses políticos (FOUCE, 2002, p. 81).

O que ocorre para efetivar essa incorporação é uma uniformização do outro, e após essa naturalização gera-se a retirada da singularidade, deixando que este perca seu significado e torne-se exótico, mas, sem significado, caindo na completa descaracterização e banalização (ibidem).

Durante a explosão da Movida Madrilená, quem está à frente do governo municipal de Madri é o socialista Tierno Galván. Havia uma busca pela superação da imagem conservadora da cidade de Madri, capital do governo Franquista. Tierno era exímio representante da superação ao conservadorismo e buscava a modernização da capital (FOUCE, 2002, p. 83-84).

Essa busca irá chocar-se com a Movida, Tierno chegou a participar de eventos, a câmara municipal de Madri subsidiou eventos, promoveu concursos de pop-rock,

disponibilizou instalações públicas para shows, na tentativa de popularizar o movimento (idem, p. 85)

Fora os shows, houve a exposição de artes “Madrid, Madrid, Madrid” (1974-1984). Junto a essas iniciativas do poder público, ocorreu, também, o encontro cultural entre Madrid e Vigo, iniciativa da Comunidade de Madrid, evento que propiciou a exposição da mostra “Madrid, Madrid, Madrid”, ocorrendo shows na cidade de Vigo. Durante uma das reuniões do evento, ocorre um acidente, Fabio McNamara lança copo de bebida que acerta e corta o rosto de uma pessoa, esse ocorrido gera alvoroço entre os políticos e os artistas, marcando um declínio na adesão de políticos socialistas ao movimento (ibidem).

Fouce toma como ponto de partida, em sua percepção da apropriação política do movimento, o fato de que apesar de existir uma tentativa por parte dos socialistas de tomar para si o movimento, este ocorre num momento em que a Movida não mais apresenta-se como um fenômeno, e sim “um rótulo claramente identificável” (idem, p. 78).

### 2.3 Os personagens em La Movida

Hidalgo faz um levantamento acerca de quem são os personagens e quais foram os trabalhos desenvolvidos no interior da Movida. O autor ressalta que a Movida foi um movimento diverso, que abarcou várias propostas artísticas ao longo de sua duração, dentre essas estão obras cinematográficas, literatura, fotografia, pintura, os comics, entre outros (HIDALGO, 2009, p. 4).

Muitos dos envolvidos no movimento atuaram em diversas áreas artísticas. Almodóvar, por exemplo, escrevia para periódicos, cantava, atuava e dirigia curtas, não seria o único. Fernando Márquez (El Zurdo) atuou dentro da nova onda através da escrita para jornais, fanzines e compondo canções, escreveu o livro *Todos los chicos y las chicas* (Historias de la Nueva Ola) (ibidem).

### Quadro da Movida

Personagem	Nascimento	Campo de atuação
Maria Olvido Gara (Alaska)	13 de junho de 1963	Cantora , atriz e compositora
Carlos Jesús García-Berlanga	11 de agosto de 1959	Músico, Compositor e Pintor
Carlos Sánchez Pérez (Ceesepe)	31 de maio de 1958	Pintor
Juan Carrero Enrique Naya (Costus)	12 setembro de 1953 3 de fevereiro de 1955	Pintores
Pablo Pérez-Mínguez	29 de dezembro de 1946	Fotógrafo
Pedro Almodóvar Caballero	25 de setembro de 1949	Ator, cantor, escritor e diretor
Agustín Almodóvar Caballero	25 de maio de 1955	Produtor cinematográfico
Miguel Angel Lopez Gomez	21 de setembro de 1957	Produtor musical
Fabio McNamara	08 de janeiro de 1957	Ator, cantor, compositor e pintor
Luis Miguélez	16 de outubro de 1963	Guitarrista
Enrique Sierra Egea	29 de julho de 1957	Guitarrista, compositor e produtor
Ignacio Guillén Canut	5 de junho de 1957	Compositor e baixista

Dentro do universo da Movida temos as artes através dos comics, com destaque para os trabalhos do artista Carlos Sánchez Pérez (Ceesepe), além de desenvolver vários trabalhos junto a fanzines, ele pintou nas paredes em bares e livrarias frequentados pelos Modernos, colaborou em cartazes e letreiros para filmes de Pedro Almodóvar (ibidem, p.4).

Juan Carrero e Enrique Naya, mais conhecidos como “Custos”, são os representantes na pintura, de 1980 a 1987 eles realizaram a exposição “Valle de los Caídos” que contava com pinturas nas quais seus amigos, também membros da Movida, eram representados através da imagem de santos. Olvido Gara (Alaska) representa La Piedad, Juan Carrero é representado como Cristo da Misericórdia, Bibiana Fernandez encarna Carmen Padroeira da Marinha, entre outros. (ORDÓÑEZ, 2018).

**Figura 2** – Cristo de la Misericordia (1987).



Fonte: elindependiente.com.

Já na fotografia, Hidalgo ressalta que Pablo Pérez-Mínguez tenha sido o nome de maior destaque, o fotógrafo mantém o tema La Movida em seus trabalhos atuais, Hidalgo destaca seu trabalho de elaboração no ano de 2006 de um livro e uma exposição, ao qual nomeou “Mi Movida” (1979-1985) (HIDALGO, 2009, p.6).

Como representantes da moda no movimento, Hidalgo cita nomes como os de Pepe Rubio, Antonio Alvarado e Manuel Piña, além de Sybilla Sorondo, Hidalgo

ressalta o aparecimento de seu nome em uma cena do filme de Almodóvar, *Hable con ella* (idem).

A cena musical foi um campo que merece destaque ao citar os protagonistas do movimento. Em 1977 surge Kaka de Luxe, Olvido Gara, ou Alaska como escolhe ser chamada, era a líder do grupo (idem, p. 7). O grupo é tido por muitos como o ponto de partida da Movida, ele incorporou as principais tendências do movimento, através do punk e do glam rock. Posteriormente o grupo se dissolve e surge “Alaska y Los Pegamoides”, também surgem outros grupos a partir da formação original (HIDALGO, 2007, p. 45)

Pedro Almodóvar é atualmente o nome de maior destaque da Movida, sua atuação dentro do movimento foi diversa. No teatro Almodóvar atuava junto ao grupo Los Goliardos, dedicou-se também à escrita para jornais e revistas. Na música, Almodóvar fez parceria musical com Fabio McNamara, porém é através de sua obra fílmica que Almodóvar destaca-se dentro da Movida, e após o movimento (HIDALGO, 2009, p. 4).

Hidalgo relaciona duas obras de Almodóvar, tendo ligação com a Movida, *Labirinto das Paixões* e *Pepi, Luci, Bom y otras chicas del montón*. O primeiro filme do diretor foi financiado e teve atuação dos próprios amigos, o filme carrega o absurdo e escracho característicos das produções desenvolvidas ao longo da Movida (idem, p.12).

## 2.4 O declínio de La Movida Madrilená

Alguns estudiosos do fenômeno cultural La Movida buscaram refletir sobre os resquícios deste movimento, alguns sobre o fim do movimento, e outros sobre o início de seu declínio.

Adame reflete que apontar o início ou o fim da Movida é bastante complexo, o autor comenta que gradualmente o movimento foi deixando de ser comentado, primeiro na mídia internacional, na Espanha foram ocorrendo novos acontecimentos e a Movida deixou de ser um grande destaque (Adame, 2016, p. 212).

Adame ressalta que alguns artistas deram continuidade aos seus trabalhos, alguns até hoje, porém, outros, devido ao frenesi noturno, perderam sua vida (ibidem).

Em seu texto, Morais evoca Garcés (2010), que aponta o fim da Movida no ano de 1986, ano da morte de Enrique Tierno Galván. Tierno, como apontado anteriormente, foi apoiador do movimento, procurando através deste atrair os jovens

ao campo político e tornar Madri um exemplo de modernidade e democracia, através das dinâmicas culturais produzidas pela juventude (Moraes, 2015, p. 39).

Nesse sentido, a apropriação do movimento, feita por políticos, seria um dos responsáveis pelo fim do movimento. Por último, o autor reflete que muitos dos participantes do movimento perderam sua vida pelo uso de drogas e em consequência da aids (ibidem).

Almodóvar, em uma entrevista para o jornalista Rafael Cervera, responde uma pergunta sobre a Movida, na qual podemos refletir a partir da opinião de um membro deste movimento, sobre uma possível apropriações do movimento feita pelo governo de Madri, e seu declínio:

É difícil falar de La Movida e explicá-la para os que não viveram estes anos. Não éramos nem uma geração, nem um movimento artístico, nem um grupo com uma ideologia concreta, éramos simplesmente um montão de gente que vivia em um dos momentos mais explosivos do país, e de Madri em particular. Esse momento se materializa sob o governo da UCD (Unión de Centro Democrático), não sob o governo do PSOE (Partido Socialista Obrero Español), ainda que os socialistas tentaram capitalizá-lo de todos os modos, e o conseguiram entre 84 e 86, quando o único que sobrava eram os restos do naufrágio. (HIDALGO, 2009, p. 4).

Fouce, através de seus estudos acerca do movimento, conclui que esse perde seu sentido conforme caminhava para um processo de institucionalização e ampliação, o autor lembra que muitos dos ambientes por onde transitavam os modernos fecharam-se. Houve o trágico acontecimento que fez com que a sala Rock-Ola fosse fechada. Em 1985 um jovem chamado Demetrio Lefler morre esfaqueado em frente à sala, após uma briga. La Luna de Madrid também fecha suas portas, e o The Golden Age suspende suas transmissões, também no ano de 1985. (Fouce, 2002, p. 84).

Outro acontecimento caótico que comprometeu o movimento foi o evento organizado pela Comunidade de Madrid, que promoveu parceria cultural entre Madri e Vigo, encerrado após um acidente, havendo muitas críticas da mídia e de políticos (idem, p. 285).

Hidalgo reflete acerca do fim da Movida, aponta seu início por volta de 1977, essa referência se dá por conta da formação do grupo Kaka de Luxe. Já o fim da Movida, ocorreu por volta de 1985, essa data é indicada por Hidalgo em consideração ao fechamento da sala Rock-Ola e o fim do programa “La Edad de Oro”. Hidalgo cita a morte de Tierno Galván como sendo, também, uma das causas do declínio e fim do movimento. Por fim, Hidalgo relata a perda de personagens da Movida, em

decorrência da aids, e dos excessos alcoólicos (HIDALGO, 2007, p.90- 91).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do primeiro capítulo observamos o panorama político espanhol em princípio da ascensão do fascismo, que encontra campo fértil junto às forças conservadoras, excepcionalmente nos territórios em crise, é o caso da Espanha.

As instituições conservadoras têm excepcional força no território espanhol, acarretando constantes disputas entre esses e as forças progressistas, que incluem os republicanos, industrialistas, grupos em ascensão econômica e a classe de trabalhadores do campo e da pequena indústria.

Apesar da queda da Monarquia espanhola e da instauração da República em 1930, o que se visualiza é um cabo de guerra tendo grupos da direita de um lado e republicanos do outro, sem levar a legítimos avanços desde a instauração da república. Observamos que esse panorama é modificado a partir das eleições de 1936, que geraram a urgência por uma organização dos grupos de tendência progressista, já se observa a introdução do fascismo junto aos grupos nacionalistas.

Como apresentado, as reformas poderiam constituir um avanço significativo para a Espanha perante a Europa. A tentativa de golpe e a explosão da guerra civil significaram o fim do projeto da Frente Popular pela modernização da Espanha. O conflito civil foi marcadamente desigual, tendo em vista a intromissão estrangeira, que levou o conflito aos extremos da violência, e as decisões políticas, também estrangeiras, além da falta de centralização por parte da FP. Levando esses aspectos em consideração, a derrota da FP se tornou previsível.

Na exposição acerca do novo governo, percebemos que esse levou em conta as expectativas dos grupos conservadores e, para a instalação do Estado Novo, a participação dessas classes se mostrou considerável. Porém, as escolhas políticas do caudilho, que se opunha veementemente às tendências liberais, não obtiveram sucesso. O fim da Segunda Guerra acarretou mudanças políticas, não havia futuro para o fascismo e, apesar do franquismo carregar características muito próprias, os governos autoritários foram condenados.

Podemos concluir que o governo franquista, apesar de seu anticomunismo e do apoio dos EUA, sofre terríveis golpes em sua organização que passa, obrigatoriamente, a se organizar economicamente, e aos poucos politicamente, conforme determinação dos Órgãos Internacionais. Porém, e desenvolvemos tal afirmação ao longo do texto, enquanto não se buscava a aceitação dos Órgãos Internacionais, o que se observava era um verdadeiro cerceamento das liberdades,

tendo a Igreja Católica como maior apoio e difusor do modelo Franquista.

O fim do franquismo ocorre com a morte do Generalíssimo, pois podemos concluir que, apesar de os personagens do franquismo se manterem durante a transição política, aquele é visto com desagrado, é o que podemos observar a partir da posição do Rei Juan Carlos e no resultado da eleição de 1977, que deixava de lado os discursos extremistas. O plano político de redemocratização proporcionou uma maior aceitação internacional e democracia para o país.

O levantamento de um panorama político, econômico e social foi de fundamental importância para refletir e compreender o surgimento e ascensão da Movida, um Movimento que tornou as capitais espanholas, em período de transição democrática, um pouco menos cinza.

O campo político-social, debatido ao longo do primeiro capítulo, é relembrado acerca das problemáticas que sujeitavam ou não na nova geração de jovens, a situação do campo cultural engessado por cerca de quase quarenta anos, a possibilidade de alcance das principais referências que levam o movimento a desabrochar num misto de cores, irreverência, rebeldia e arte.

Compreendendo as dinâmicas em torno do sentido de Cultura, Subcultura e Contracultura, compreendendo que a Movida é originalmente um movimento Contracultural, é significativamente diverso, artístico, urbano e noturno, tendo profundas raízes no punk e no rock e completamente baseado na estética.

Por fim, podemos concluir que a Movida é o resultado de um momento de reavivamento, sua ascensão ocorre devido a mudanças políticas, econômicas e sociais em uma sociedade que anseia por democracia. O ato de se abster ou, até mesmo, renegar pautas políticas, muito se associa ao próprio momento político e econômico no qual estavam presentes, abertura econômica, e ascensão da burguesia, da qual fazem parte. Portanto é possível visualizar a Movida não como um agente da democracia Espanhola, mas sim como um fruto.

## REFERÊNCIAS

ADAME, J. A. M. **Movida madrileña**: transgressión visual . Orientador: Héctor Paulino Serrano Barquín. 2016. 234 f. Dissertação (Mestrado), Universidad Autónoma del Estado de México, Mexico. 2016. Disponível em: <http://ri.uaemex.mx/handle/20.500.11799/68400>. Acesso em: 5 nov. 2021.

ALVES, J.J.O.; NUNES, Diego. Crimes Contra a Humanidade na Espanha Franquista *In*: SANTOS, G.F.; ALVES, J.J.O. **Linhas Jurídicas do Triângulo**.1 ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019, p. 5-18.

ALVES, Syntia. O assassinato que uniu dois continentes. O assassinato que uniu dois continentes. A obra e o fuzilamento de Lorca, da Guerra Civil Espanhola para a América. *In*: GUTIÉRREZ, Horacio. *et al.* (org.). **A guerra civil espanhola e a américa latina**. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p.261-280.

ARAGÃO, G. A. C. B. D. **A produção de pedro almodóvar na movida madrileña**: da literatura ao cinema. Orientador: Antonio Corbacho Quintela. 2013. 108 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Faculdade de Letras – FL (RG), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3708>. Acesso em: 8 ago. 2021.

BARROS, José D.'Assunção. HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER. *Diálogos*, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BATTIBUGLI, Thaís. A Guerra Civil Espanhola e a solidariedade antifascista brasileira. *In*: GUTIÉRREZ, Horacio. *et al.* (org.). **A guerra civil espanhola e a américa latina**. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 31-58.

BRITTO GARCÍA, Luis. Cultura e contracultura. *In*: \_\_\_\_\_. **El império contracultural: del Rock a la postmodernidad**. Havana: Editorial Arte y Literatura, 2005.

BUANDES, Josep M. **A GUERRA CIVIL ESPANHOLA**: O palco que serviu de ensaio para a Segunda Guerra Mundial. 1 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 20-21 ISBN: 978-85-7244-793-5.

CAMARGO, Fernando Furquim de. Apontamentos sobre ação direta e revolução no estado espanhol. **Mouro: Revista Marxista**, São Paulo, v. 9, n. 11, p. 1-22, 9 jan. 2015. Disponível em: <http://www.mouro.com.br/Mouro%2009/Mouro%209.html>. Acesso em: 2 set. 2021.

CARRANO, Paulo. 'Toda ditadura quer controlar o campo educacional, porque é nele que há liberdade para pensar e construir novos caminhos para a sociedade'.

*In:epsjv.fiocruz. Entrevista.* Rio de Janeiro, 13 dez. 2018. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/entrevista/toda-ditadura-quer-controlar-o-campo-educacional-porque-e-nele-que-ha-liberdade>. Acesso em: 25 set. 2021.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil. **Revista Brasileira de História** [online]. v. 29, n. 57, p. 117-143, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882009000100005>. Acesso em: 16 ago. 2021.

COELHO, Teixeira (ed.). **O QUE É INDÚSTRIA CULTURAL**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. *E-book* (46p.) (Primeiros Passos). color. ISBN: 85-11-01008-4. Disponível em: <https://docplayer.com.br/22777-O-que-e-industria-cultural-teixeira-coelho.html>. Acesso em: 11 dez. 2021.

PEREIRA, C. A. M. **O QUE É CONTRACULTURA**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

COSTA, Rosane Ribas da. **Influências externas em processos de democratização: O caso espanhol**. Orientadora: Letícia de Abreu Pinheiro. 2002. Tese (Doutorado) – Curso de Relações Internacionais, Pós-graduação em Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca\\_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4767@1](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4767@1). Acesso em: 7 out. 2021.

CRUZ, Luis de la. La Cochu, el underground madrileño que vivió en Augusto Figueroa. **elDiario.es, Somos Chueca**. Madrid, 3 fev. 2014. Disponível em: [https://www.eldiario.es/madrid/somos/chueca/la-cochu-el-underground-madrileno-que-vivio-en-augusto-figueroa\\_1\\_6428230.html](https://www.eldiario.es/madrid/somos/chueca/la-cochu-el-underground-madrileno-que-vivio-en-augusto-figueroa_1_6428230.html). Acesso em: 10 nov. 2021.

DALMÁS, Carine. Os poetas de "Madre España": Guerra Civil Espanhola e frentismo cultural no Partido Comunista do Chile. *In: GUTIÉRREZ, Horacio. et al. (org.). A guerra civil espanhola e a américa latina*. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 294-315.

DAL'MORO, Mendes Patrícia. **O feminino na luta antifranquista e a memória nos romances La voz dormida e Las trece rosas**. Orientadora: Fiuza, Adriana Aparecida de Figueiredo. 2017. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Paraná, 2017. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/3377>. Acesso em: 24 set. 2021.

GEMMAL, Maria Elisabeth Carrilho Santoro. **Política Externa da Espanha: diferentes interpretações sobre as relações da Espanha Franquista com Cuba de Fidel Castro**.

2004. p.142. Dissertação de Mestrado – Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

GONÇALVES, Williams. Histórico e documentos de formação da onu: propósitos e princípios. 2012. **Revista da Escola de Guerra Naval**, Rio de Janeiro, v.18, n.2, p.33-54, dez. 2012.

HIDALGO, João Eduardo. O movimento de contracultura La Movida madrilena e o aparecimento de Pedro Almodóvar. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Comunicação Audiovisual...** Rio de Janeiro: Intercom, 2009. p. 1-15, 208-1. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0208-1.pdf>. Acesso em: 9 set. 2021.

HIDALGO, João Eduardo. **O cinema de Pedro Almodóvar Caballero**. 2007. Tese (Doutorado em Estudo dos Meios e da Produção Mediática) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: doi:10.11606/T.27.2007.tde-22072009-181531. Acesso em: 2021-11-16.

IZEPE, DE SOUZA, Ismara. O Brasil diante da questão espanhola na ONU (1946-1950). **Revista Estudos Ibero-Americanos**, Rio Grande do Sul, v. 35, n. 2, p. 85-101, 2009. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/issue/view/431>. Acesso em: 22 set. 2021.

LOFF, Manuel. Salazarismo e Franquismo: projecto, adaptação e história. **Revista de História das Ideias**, Coimbra, v. 31, n. 1, p. 449-498, 2010. Disponível em: [https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41518/1/Salazarismo\\_e\\_Franquismo.pdf](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/41518/1/Salazarismo_e_Franquismo.pdf). Acesso em: 9 ago. 2021.

MACHADO, Marília. Força e hegemonia: o fascismo em sua gênese e a leitura de antonio Gramsci. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 1., 2015. **Anais...** São Paulo: Grupo de Estudos Mundo Contemporâneo, 2015.11p.

MARGARIDA, Nepomuceno. Espanhóis na América Latina: refúgio, resistência e arte. *In*: GUTIÉRREZ, Horacio. *et al.* (org.). **A guerra civil espanhola e a américa latina**. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 316-334.

MARTINS, Maria. Guerra Civil Espanhola e o pensamento conservador latino-americano. *In*: GUTIÉRREZ, Horacio. *et al.* (org.). **A guerra civil espanhola e a américa latina**. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 213-229.

MORAIS, J. E. T. **Desconstrução do sagrado nos filmes da Movida madrileña de Pedro Almodóvar**: uma análise sociosemiótica. Orientador: Cláudio Márcio do Carmo. 2015. Dissertação (Mestrado) – Curso de Letras, Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2015. Disponível em: [https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20-%20Jose%20Elenito\(1\).pdf](https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20-%20Jose%20Elenito(1).pdf). Acesso em: 2 ago. 2021.

NUNES, Cláudio. O nacional-sindicalismo espanhol: estado, família e trabalho no regime de Francisco Franco. **Revista do tribunal regional do trabalho da 13ª região**, João Pessoa, v. 13, 24-36p, 2005.

OLIVEIRA, Fabrício Roberto Costa; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Concílio Vaticano II: memórias da crise de vocações. **Inconfidentia**, Minas Gerais, v. 3, n. 6, p. 72-87, 6 jul. 2019. Disponível em: <http://inconfidentia.famariana.edu.br/numero-6-dossie-tematico-memoria-e-testemunho/>. Acesso em: 8 out. 2021.

ORDÓÑEZ, RAFAEL. El Valle de los Caídos lisérgico y barroco de Costus. **El Independiente**. [S.l.] 24 mar. 2018. Disponível em: [https://www.elindependiente.com/tendencias/2018/03/24/valle-de-los-caidos-lisergico-barroco-costus/#galeria%20\\_start](https://www.elindependiente.com/tendencias/2018/03/24/valle-de-los-caidos-lisergico-barroco-costus/#galeria%20_start). Acesso em: 11 nov. 2021.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Cinema e propaganda política no fascismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003.

PEREIRA, Marco; CABALLERO, Gabriela. Cruzando fronteiras: as experiências de guerra dos voluntários paraguaios e brasileiros durante o conflito civil espanhol (1936-1939) retratadas no álbum fotográfico de Víctor Martínez. *In: GUTIÉRREZ, Horacio. et al. (org.). A guerra civil espanhola e a américa latina*. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 69-92.

POMINI, Igor Pasquini. **Autogestão, sindicalismo e moderação**: a cnt e a revolução espanhola (1936-1939). São Paulo, 2021.

QUADROS E QUADROS, Bruno. Fascismo e Igreja Católica. **Revista Vernáculo**, [S.l.], n. 14,15,16, abr. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/vernaculo/article/view/17436>. Acesso em: 26 ago. 2021.

RIVAS, Rosa. La movida echó a andar en Caminos: Se cumplen hoy 30 años del concierto que dio origen a la nueva ola madrileña. **El País**. Madrid, 9 fev. 2010. Disponível em:

[https://elpais.com/diario/2010/02/09/madrid/1265718270\\_850215.html](https://elpais.com/diario/2010/02/09/madrid/1265718270_850215.html). Acesso em: 10 nov. 2021.

RODRIGUEZ, Hector Fouce. **“El futuro ya está aquí” música pop y cambio cultural en españa. madrid 1978-1985**. Orientador: Cristina Peñamarin Beristain . 2002. 365 f. Tese (Doutorado) – Curso de Facultad de Ciencias de la Información , Departamento de Periodismo III, UNIVERSIDAD COMPLUTENSE DE MADRID, Madrid, 2002. Disponível em: <https://eprints.ucm.es/id/eprint/4395/1/T26537.pdf>. Acesso em: 5 out. 2021.

SANTOS, Eric. Del 'Penta' al 'Nueva Visión': los 10 garitos míticos de Malasaña. **Tikitakas**. Madrid, 18 set. 2021. Disponível em: [https://as.com/tikitakas/2021/09/18/portada/1631966193\\_098569.html](https://as.com/tikitakas/2021/09/18/portada/1631966193_098569.html). Acesso em: 9 nov. 2021.

VENTURINI, Eliane. Arriba España!: brasileiros no exército de Franco. *In*: GUTIÉRREZ, Horacio. *et al.* (org.). **A guerra civil espanhola e a américa latina**. São Paulo: Terceira Margem, 2018. p. 154-166.

VICENTE, G. A.; WITT, M. A. A Educação na Alemanha Durante o Terceiro Reich e seu papel na Doutrinação das Crianças e Jovens. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 71–87, 2018. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/1179>. Acesso em: 25 out. 2021.

VICENTE, Ana. **O franquismo e o salazarismo**. OBSERVARE. Universidade Autónoma de Lisboa, p.1-6. Ano 1999-2000. Disponível em: [http://www.janusonline.pt/arquivo/1999\\_2000/1999\\_2000\\_1\\_35.html](http://www.janusonline.pt/arquivo/1999_2000/1999_2000_1_35.html) Acesso em: 8 out. 2021.